



## A rede de construções causais na diacronia do português

### *The Network of Causal Constructions in the Diachrony of Portuguese*

Bruno Araújo de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

bruno.linguistica@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4729-4558>

Maria da Conceição de Paiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

paiva@club-internet.fr

<https://orcid.org/0000-0002-8261-6575>

**Resumo:** A Gramática de Construções Diacrônica se consolidou nos estudos mais recentes como uma abordagem que permite explicar não só a emergência e o desaparecimento de construções como também as alterações nos elos entre as diversas construções de uma rede. Com base nessa perspectiva teórica, focalizamos, neste artigo, a rede de construções causais do português ao longo dos períodos arcaico, clássico e contemporâneo do português. Nosso objetivo principal é identificar as mudanças nos *elos* entre as diferentes construções causais. Tomamos como vetor de análise o domínio em que se instaura a relação de causalidade (referencial, epistêmico e atos de fala). A análise da distribuição das construções causais de acordo com o tipo de elo causal que instanciam permitiu constatar não apenas uma distribuição bastante diferenciada das construções causais ao longo dos séculos como também alterações significativas na maior ou menor centralidade de cada uma delas em um ou outro domínio, indicando sua expansão ou especialização de uso ao longo de sua evolução.

**Palavras-chave:** mudança; construção causal; diacronia.

**Abstract:** Diachronic Construction Grammar has been consolidated in the most recent studies as an approach that allows explaining both the emergence and disappearance of constructions as well as the changes in the links between the various constructions

of a network. Based on this theoretical perspective, we focus on the network of causal constructions over the archaic, classic and modern Portuguese. Our main goal is to identify changes in the links between the different causal constructions. We took as an analysis vector the domain of the causal relation (content, epistemic, and speech acts). The analysis of the distribution of causal constructions according to the type of causal link they instantiate allowed to verify not only a quite different distribution of causal constructions over the centuries, but also significant changes in the greater or lesser centrality of each of them in one or another domain, indicating expansion or specialization of use throughout its evolution.

**Keywords:** change; causal construction; diachrony.

Recebido em 07 de agosto de 2021

Aceito em 04 de novembro de 2021

## 1 Introdução

Na perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), o sistema linguístico é um inventário estruturado de construções – pareamentos de forma e significado /função – de diferentes níveis de esquematicidade e composicionalidade. Construções se ligam por relações taxonômicas (verticais), de forma que aquelas que se encontram em níveis mais baixos herdam, ao menos parcialmente, propriedades de construções de níveis mais altos. Além disso, estabelecem entre si relações horizontais de diferentes tipos.

Uma vez que a rede linguística é moldada pelo uso da língua, está sujeita a diferentes mudanças, tanto em seus nós (as construções) como nos elos (*links*) que as relacionam. Nessa perspectiva, as mudanças, sobretudo as morfossintáticas, ocupam espaço central, traduzindo-se na emergência da Gramática de Construções Diacrônica. Essa expansão da GCBU parece ser uma decorrência natural da necessidade de ultrapassar o plano sincrônico dos modelos construcionistas, permitindo não só a identificação da forma como as construções emergem, mudam ou desaparecem como também uma investigação das reconfigurações da rede ao longo do tempo.

Neste artigo, focalizamos a construção causal conectiva  
[[[CONECTOR ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]]]

↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]], de elevado nível de esquematicidade. Como esse esquema não prevê a ordem das orações que constituem a construção, admitimos que ele se desdobra em dois subesquemas: [[[CONECTOR ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] e [[[ORAÇÃO EFEITO] [CONECTOR ORAÇÃO CAUSAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] (cf. OLIVEIRA, 2020). Os excertos (1) e (2) exemplificam essas possibilidades:

- (1) O filho do carcereiro Antonio Marquez se ferio na garganta com hua tizoura, e por querer matarse lhe puzeram algemas [...] (Século XVIII – *Gazeta manuscrita da Biblioteca Pública de Évora, Diario de 25 de Junho de 1731*, CTB).
- (2) Tapiti. — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladrão cá nesta terra como cães, maxime de noite, e muito a miúde. Os Indios têm estes ladridos por agouro; criam tres e quatro filhos: são raros porque têm muitos adversarios, como aves de rapina, e outros animaes que os comem. (Século XVI – *Tratados da Terra e Gente do Brasil*).

Nos dois subesquemas, a posição *CONECTOR* pode ser preenchida por diferentes elementos que ligam um segmento discursivo A, que codifica a causa, a um segmento B, que codifica o resultado do estado de coisas apresentado em A. A grande maioria desses elementos de ligação formou-se ao longo do tempo, como é o caso de *porque*, *pois*, *pois que* e *já que*, dentre muitos outros, resultantes, em grande parte, da produtividade da justaposição do pronome relativo ou do complementizador *que* a bases preposicionais, verbais ou adverbiais (cf. AMORIM, 2016; NEVES, 2006; OLIVEIRA, 2020)<sup>1</sup>. Em termos construcionistas, podemos dizer que, ao longo do tempo, um esquema [X QUE]<sub>CONNECT</sub>, como proposto por Cezario, Silva e Santos (2015) e Santos e Cezario (2017), expandiu-se, passando a licenciar um número significativo de conectores, dentre os quais os conectores causais.

Admitindo que construções se organizam em redes, nosso objetivo é investigar em que medida o surgimento de novas construções

<sup>1</sup> Nessa tendência, o português se alinha a outras línguas românicas (cf. FAGARD, 2009; LEHMANN, 2002).

causais reconfigura as relações entre elas. Partimos da hipótese de que, embora o surgimento de novas construções causais não acarrete, necessariamente, variação, ele cria espaços de superposição semântico-funcional entre elas. No entanto, em razão de sua alta frequência, uma determinada construção pode ser fortalecida, rotinizada para a expressão de um ou outro tipo de relação causal.

Para verificar essa hipótese, realizamos uma análise diacrônica que compreende os períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, adotando a periodização proposta por Mattos e Silva (1989). Assim, foram analisados textos não literários de diversos gêneros, produzidos entre os séculos XIII e XXI. Entendendo, como proposto por Mattos e Silva (1989), que a maioria das características do português foi consolidada na primeira metade do século XVI, este século foi dividido em (XVI-1), primeira metade e (XVI-2), segunda metade.

Para melhor situar o arcabouço teórico que fundamenta esta análise, retomamos, na seção 2, alguns pressupostos que norteiam a Gramática de Construções Diacrônica e destacamos alguns dos problemas que se colocam na transferência de conceitos e pressupostos construcionistas para o estudo da mudança de longo prazo. A seção 3 é dedicada à discussão de alguns aspectos centrais da noção de causalidade, sobretudo a noção de domínio, um ponto básico para a compreensão do uso das construções causais. Na seção 4, traçamos a trajetória da rede de construções causais do português, tomando por base o tipo de relação causal instaurada entre os segmentos ligados pelo conector. Seguem as considerações finais.

## **2 Gramática de Construções Diacrônica**

O estudo da mudança linguística sob uma perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) vem se consolidando como uma via que permite dar conta, de forma mais integrada, de diversos processos que, não raro, foram tratados separadamente nos estudos da linguística histórica como analogia, reanálise, extensão ou especialização de significado e redução fonética. Além disso, essa abordagem da mudança linguística investe de maior rigor teórico e metodológico a noção de construção, mais “intuitiva” nos estudos de gramaticalização, (BARÖDAL; GILDEA, 2015). Ao diluir as fronteiras entre léxico e gramática, a GCBU se mostra capaz de explicar tanto a lexicalização quanto a gramaticalização, bem como dar conta das dimensões sintagmática e paradigmática envolvidas na mudança das construções linguísticas. O objetivo da Gramática de Construções Diacrônica é, pois,

explicar como novas construções, gramaticais ou lexicais, emergem, organizam-se em rede ou desaparecem (cf.: BERGS; DIEWALD, 2008; BYBEE, 2010, 2015; FRIED, 2009, 2013; HILPERT, 2013, 2018; NOËL, 2016; TROUSDALE, 2012; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em princípio, a Gramática de Construções Diacrônica fornece, portanto, um arcabouço teórico para um tratamento mais adequado do contexto linguístico e extralinguístico, na medida em que enfatiza a natureza pragmática da emergência de novas construções, como já destacado nos estudos de gramaticalização. Nesse sentido, a integração/incorporação de fenômenos de gramaticalização é natural, pois, como ressaltam Smirnova e Sommerer (2020), a gramática de construções e os estudos de gramaticalização convergem em diversos pontos teóricos. Destacam-se, entre eles, a atenção dada à forma e ao significado na mudança linguística, a ênfase na frequência como um fator propulsor da expansão de novas construções, a importância de processos cognitivos, como metáfora e metonímia. A extensão de pressupostos da GCBU no estudo da mudança permite, ainda, dar conta tanto de mudanças nos nós (ou seja, mudanças na forma e no significado das construções) como também das alterações nos *elos* entre os nós de uma rede.

Uma integração desses diferentes aspectos encontrou uma formulação mais explícita no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), que buscam desenvolver “formas de pensar sobre a criação e a natureza das mudanças nas construções”<sup>2</sup>. Os autores propõem a distinção entre dois processos: *mudança construcional* e *construcionalização*. Mudanças construcionais afetam ou o polo da forma ou o polo do significado de uma construção já existente. Construcionalização, por sua vez, requer mudanças tanto na forma como no significado e criam um novo nó na rede. Segundo os autores, construcionalização resulta em nova sintaxe ou morfologia e novo significado. Embora mudanças construcionais sejam pré-condição para a construcionalização, nem toda mudança construcional resulta em uma nova construção na língua.

Ainda na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma nova associação forma-significado emerge de uma incongruência (*mismatch*) entre forma e significado em um construto específico. O uso de uma construção em um contexto atípico requer maior esforço do interlocutor para compreender esse novo uso (cf. DIEWALD, 2002). Valendo-se de alguma inferência sugerida pelo contexto, o interlocutor pode proceder a uma reanálise (ou neoanálise, nos termos dos autores, o que dá origem a

---

<sup>2</sup> No original: “ways to think about the creation of and the nature of changes in constructions” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

uma inovação. A reutilização desse construto no mesmo contexto e com o novo significado pode levar à convencionalização dessa nova associação forma-significado numa comunidade de fala.

Dado que o uso da língua se dá em situações de interação, a incongruência que dá início ao surgimento de uma nova construção pode estar associada ao que Diessel (2019) denomina de “processo de tomada de decisão” (*decision-making process*), ou seja, uma escolha de formas linguísticas em situações específicas de comunicação pelo locutor e uma decisão sobre a interpretação mais adequada/coerente de um enunciado por parte do interlocutor. Essa interpretação envolve não só o conhecimento das formas linguísticas como também o conhecimento de mundo partilhado e a identificação dos objetivos comunicativos do locutor.

A distinção entre construcionalização e mudança construcional tem sido discutida sob diversos aspectos (cf. BARÖDAL; GILDEA, 2015; HEINE; NARROG; LONG, 2016; SMIRNOVA, 2015). Para Hilpert (2013, 2018), construcionalização pode ser entendida como um tipo de mudança construcional. Na visão do autor, toda mudança que altere uma propriedade da forma ou do significado de uma construção, altere sua frequência de uso ou sua distribuição na comunidade de fala constitui uma mudança construcional. Smirnova e Sommerer (2020), por sua vez, argumentam que, se considerarmos que qualquer mudança rompe com a indissociabilidade entre forma e significado, toda mudança pode ser conceptualizada como o surgimento de uma nova construção. Os casos de polissemia, por exemplo, colocam problemas cruciais para a decisão entre um processo de mudança semântica por extensão de uma construção já existente ou de emergência de um novo pareamento forma-significado.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização, principalmente a procedural (gramatical), pode levar um longo período de tempo para ser concluída. Seria, portanto, gradual, embora precedida de micropassos, eles mesmos abruptos (mudanças construcionais). Hilpert (2018) destaca, porém, que, apesar de pressupor gradualidade, a caracterização de construcionalização “convida” à interpretação de um movimento abrupto, ou seja, um “limite discreto” entre um e outro pareamento forma-significado. Para Flach (2020), essa aparente contradição decorre da ambiguidade do próprio termo construcionalização, entendido tanto em termos de processo como de resultado. Neste último sentido, construcionalização pode ser compreendida como um ponto de demarcação. O problema, como já apontado em outros estudos, é em que ponto se pode falar, efetivamente, de um novo pareamento forma-

significado. Afinal, quantas mudanças construcionais são necessárias para que se considere a existência de um novo nó na rede?

Essas questões ganham maior relevância no estudo de mudanças de longo prazo. Como argumenta Hilpert (2018), identificar construcionalização em períodos remotos é um grande desafio, na medida em que depende do ponto de partida tomado pelo pesquisador, ou seja, do recorte temporal delimitado. Se considerarmos, ainda, que a primeira ocorrência atestada de uma construção não é o seu primeiro uso, é praticamente impossível afirmar com segurança quando surge, de fato, um novo pareamento forma-significado na língua. Nos termos do autor, “esse limite pode se revelar uma linha na areia que é impossível desenhar com certeza”<sup>3</sup> (HILPERT, 2018, p. 27).

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao ponto de uma hierarquia construcional em que ocorre a emergência de novas construções. De forma coerente com os pressupostos dos modelos baseados no uso, o *locus* da mudança linguística são os construtos, as instâncias de uso experienciadas pelos falantes nas inúmeras situações comunicativas (cf. BYBEE, 2010, 2015; FRIED, 2013). Como destacam Teixeira e Rosário (2016) e Smirnova e Sommerer (2020), o termo construcionalização é mais adequado para níveis mais baixos de uma hierarquia construcional do que para níveis mais altos<sup>4</sup>. Como os construtos são contextualmente situados, ou seja, ocorrem em enunciados concretos, eles estão sujeitos à interação de múltiplos fatores que permitem a intervenção de inferências pragmáticas que, uma vez recorrentes, são “semanticizadas”, nos termos de Traugott (2003), e podem dar origem a novos padrões de uso, esquemas mais abstratos.

Como mostra Kruppenbacher (no prelo), a criação de novas construções tem recebido maior atenção em diferentes estudos diacrônicos ancorados numa perspectiva construcionista, envolvendo, principalmente, questões ligadas ao aparecimento e ao aumento de frequência *token* de uma nova construção em contextos particulares, à formação de *types* mais esquemáticos, à redução de composicionalidade de *chunks* e ao aumento de produtividade de construções esquemáticas ou semiesquemáticas.

<sup>3</sup> No original: “This threshold may turn out to be a line in the sand that is impossible to draw with certainty” (HILPERT, 2018, p. 27).

<sup>4</sup> Para Teixeira e Rosário (2016), construcionalização não pode ser confirmada em níveis hierarquicamente superiores, mais abstratos, como os esquemas e subesquemas. Para Smirnova e Sommerer (2020), por sua vez, mudanças em níveis mais altos de abstração envolvem, principalmente, os parâmetros produtividade e esquematicidade.

Um ponto importante é que mudanças na rede envolvem não apenas o surgimento ou o desaparecimento de construções, mas também a reconfiguração dos *elos* (conexões) verticais e horizontais entre as construções. Uma proposta que integra esses diferentes tipos de mudança é avançada por Hilpert (2018). Considerando as diferentes partes da rede construcional que podem ser afetadas, o autor distingue entre *mudanças de nó* (que afetam as construções) e *mudanças de conectividade* (que afetam os *elos* entre as construções). Com base nessa distinção, o autor relaciona quatro tipos de mudanças construcionais, sintetizados no quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de mudanças construcionais

<b>Tipo de mudança</b>	<b>Forma</b>	<b>Significado</b>	<b>Conexão</b>
<i>Emergência</i>	Novas formas aparecem	Novos significados/ conceitos aparecem	Novas conexões são formadas
<i>Fortalecimento</i>	Formas ganham em força de representação	Significados/ conceitos ganham em força de representação	Conexões ganham em força
<i>Enfraquecimento</i>	Formas ganham em força de representação	Significados/ conceitos perdem em força de representação	Conexões esvanecem em força
<i>Desaparecimento</i>	Formas desaparecem	Significados/ conceitos desaparecem	Conexões desaparecem

Fonte: Traduzido de Hilpert (2018, p. 30).

Ao longo das seções seguintes, buscamos mostrar como essa proposta pode dar conta de algumas mudanças observadas na rede de construções causais ao longo da história do português.

### 3 Domínios da relação causal

A relação de causalidade destaca-se como uma das mais frequentes no discurso cotidiano e tem sido abordada amplamente na literatura, sob diferentes perspectivas. De um ponto de vista mais estrito, o conceito de causalidade pode ser incluído no domínio da condicionalidade, na medida em que causa constitui uma condição suficiente ou necessária para a ocorrência de um estado de coisas. Nesse caso, pode-se falar em causa real ou causa efetiva (cf. NEVES, 1999, 2000; PAIVA, 1996).



A consideração de causa como condição suficiente, ou seja, basta a ocorrência de A para que B ocorra, como assumido por Van Dijk (1980), por exemplo, pode ser discutida sob diferentes aspectos<sup>5</sup>, principalmente quando consideramos os diversificados usos das construções causais. Algumas ocorrências de *porque*, por exemplo, permitem uma interpretação de causa suficiente, como em (3):

- (3) Os noviços de São Domingos de Lisboa se levantarão contra o seu mestre **porque** os castigava e estão alguns prezos com jejuns a pão, e água. (Século XVIII – *Gazeta manuscrita da Biblioteca Pública de Évora, Diário de 20 de dezembro de 1729*, CTB)

Numa determinada perspectiva de mundo, o fato de o mestre castigar os noviços pode ser entendido como uma condição suficiente para que esses se rebelam. No entanto, como discutido por Paiva (1996), mesmo em seu sentido mais estrito, a relação causal é mais bem entendida em termos de condição necessária, o que pressupõe, necessariamente, as avaliações dos falantes acerca das relações possíveis entre situações/ estados de coisas relacionados. O trecho em (4) é ilustrativo.

- (4) Ally morreo hũ escudeyro de Malhorcas que ho *comde* ally fezera cavalleiro, o quall morreo ao pee da atallaya, **porque** cayo do cavallo. (Século XV – *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, livro I, cap. 40, CIPM)

No exemplo (4), o fato de “morrer” requer uma causa. No entanto, o fato “cayo do cavalo” não necessariamente conduz à morte do cavaleiro. Podemos dizer, portanto, que a relação causal em (4) expressa uma interpretação possível, que poderia, inclusive, ser refutada, associando a morte do cavaleiro a uma outra causa. Como salienta Paiva (1996), a conceptualização de uma relação causal entre dois estados de coisas depende de diferentes condições pragmáticas, em especial das intenções do locutor (cf. também OLIVEIRA, 2020).

Em um sentido mais amplo, a relação causal recobre outras noções que, para alguns autores, constituem relações distintas. Mann e

<sup>5</sup> Segundo Van Dijk (1980, p. 87), “um evento A causa um evento B, se A é uma condição suficiente para a ocorrência de B, quer dizer, em ao menos um mundo possível, a ocorrência de A é incompatível com a não ocorrência de B”.

Thompson (1986) elencam relações proposicionais como razão, motivo, evidência e justificativa. Os próprios autores reconhecem, no entanto, que não são muito claras as fronteiras entre essas relações, que, para muitos autores, podem ser agrupadas como causa do enunciado (causa estrita) ou causa da enunciação (evidência, justificativa, motivo)<sup>6</sup> (cf. LOPES, 2004; LOPES, 2012; NEVES, 1999, 2000). Segundo Lopes (2012), as relações causais no nível do enunciado relacionam dois conteúdos proposicionais, estabelecem relação entre situações do mundo real e se concretizam em uma só asserção (causa do conteúdo ou causa *de re*). Por outro lado, as relações causais que atuam no plano da enunciação (causa explicativa ou causa *de dicto*) expressam uma relação de explicação, em que um ato de fala explica/justifica outro, constituindo uma asserção distinta, o que é assinalado, inclusive, pela presença de pausa entre os segmentos relacionados.

Numa perspectiva cognitiva, Sweetser (1990) propõe que a relação de causalidade opera em domínios conceptuais distintos, distinguindo entre causa no domínio do conteúdo (referencial), causa no domínio epistêmico e causa no domínio dos atos de fala (interacional). No domínio do conteúdo, a relação causal é estabelecida entre fatos que podem envolver, inclusive, sequencialidade temporal e agentividade, dois pressupostos inerentes ao conceito de causa estrita (cf. PAIVA, 1996), como ilustrado pelo excerto (3), já apresentado acima. O fato de os noviços de São Domingos de Lisboa terem se levantado contra o seu mestre exemplifica alguns dos pressupostos associados à noção de causa estrita, como a agentividade do sujeito e a sequencialidade temporal dos fatos descritos. A rebelião dos noviços constitui um evento posterior ao castigo a que eles foram intencionalmente submetidos.

No domínio epistêmico, o segmento encabeçado pelo conector introduz uma premissa ou uma evidência que permite ao locutor construir um raciocínio inferencial. Neste caso, a oração efeito constitui uma conclusão possível, baseada no conhecimento do falante acerca das relações entre os fatos, como em (5):

- (5) Hũ fidallo avia amtre aqueles *que* avia mais amtiga hydade que todollos outros que ally heram, a que chamavã Gomçallo Nunez Barreto, que ao diamte foy hũ dos comselheyros dell rrey, o quall ficara ally por capitão das gemes do ymfamte dom Pedro, como

<sup>6</sup> Essa diferença encontra diferentes denominações como, por exemplo, causa real vs. causa lógica (BELLO, 1847 apud GALÁN RODRÍGUEZ, 1999) ou causa semântica vs. causa pragmática (SANDERS; SPOOREN; NOORDMAN, 1992).

jaa temdes ouvido. & por çerto que elle hera bem digno de ser chamado pera quallquer gramde conselho, **caa** hera homẽ de gramde syso & de gramde esforço. (Século XV – *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, livro I, cap. 23, CIPM)

Em (5), a afirmação expressa no segmento “& por çerto que elle hera bem digno de ser chamado pera quallquer gramde conselho” é deduzida da constatação de que o fidalgo “hera homẽ de gramde syso & de gramde esforço”. O enunciado envolve, portanto, um raciocínio inferencial, por meio do qual o falante acessa um conhecimento de mundo armazenado. Assim, as relações causais do domínio epistêmico implicam alto grau de subjetividade, na medida em que expressam avaliações do falante que podem mesmo ser rebatidas pelo interlocutor. É de se destacar, inclusive, a presença do sintagma preposicional “por çerto”, que situa o ponto de vista do falante no ponto mais alto da escala de possibilidade.

A relação causal no domínio dos atos de fala distingue-se das anteriores por não ligar proposições e por operar em um plano interpessoal, ou seja, mais voltado para o interlocutor. Neste caso, a oração introduzida pelo conector causal justifica um ato de fala diretivo que busca obter um comportamento do interlocutor, como se verifica em (6).

(6)[...] E neesta maneira Senhor dou aquy a vosa alteza [comta]  
// do que neesta vosa terra vy E se a alguum pouco alomguey  
ela me perdoe . **ca** o desejo que tijnha de vos tudo dizer mo fez  
asy poer pelo meudo . [...] (Século XV – *Carta de Pero Vaz de Caminha*, fól. 13v-14r, CIPM)

Em (6), o segmento encabeçado pelo conector *ca*, no caso, o desejo de fornecer o máximo de informações acerca da nova terra descoberta, justifica o pedido de desculpas pelo fato de o locutor ter, possivelmente, se alongado na sua descrição. A oração introduzida pelo conector constitui um ato de fala distinto e opera como uma estratégia de atenuação do possível efeito que a atitude do escrivão poderia causar no rei.

A tripartição proposta por Sweetser já foi objeto de críticas ou de algumas ressalvas, principalmente por desconsiderar o fato de as relações causais no domínio epistêmico poderem igualmente ser consideradas instâncias de atos de fala (cf. LOPES, 2012; OLIVEIRA, 2020). No entanto, acreditamos que a distinção entre epistêmico e atos de fala é útil para a compreensão das mudanças na rede das construções causais do português por permitir explicar, de modo mais detalhado, a forma como se reconfiguram os *links* entre as diferentes construções

causais quando se considera a subjetivização ou intersubjetivização de construções específicas<sup>7</sup>. Todavia, entendemos que as relações causais do domínio dos atos de fala, por terem como alvo um comportamento do interlocutor, constituem uma estratégia que opera no domínio interacional

Na seção seguinte, mostramos que uma análise da evolução da rede de construções causais do português de acordo com o domínio em que se instaura a relação causal lança luzes sobre a forma como algumas construções específicas ampliam seus contextos ou se especializam ao longo do tempo.

#### **4 A rede de construções causais do português ao longo do tempo**

Como já detalhado na introdução, a fim de verificar as mudanças na rede de construções causais do português, procedemos ao levantamento de todas as construções causais em uma amostra de textos produzidos desde o século XIII até o século XXI. Para cada século, foram selecionados dois ou três textos<sup>8</sup>, representando uma média aproximada de 100.000 palavras por século, o que totalizou 999.211 palavras. O levantamento realizado permitiu atestar, antes de mais nada, a grande diversidade de conectores causais nos três períodos do português, como mostra a tabela 1, adaptada de Oliveira (2020).

---

<sup>7</sup> Para uma análise mais detalhada do processo de (inter)subjetivização, remetemos o leitor para Traugott (2003, 2010).

<sup>8</sup> A grande maioria dos textos do nosso *corpus* diacrônico foi selecionada a partir de bases de dados *online* que disponibilizam acesso a textos em edições semidiplomáticas e fac-símiles digitais, quais sejam: o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CTB) e a Biblioteca Nacional Digital de Portugal (BND).

Tabela 1 – Distribuição das construções causais do português ao longo do tempo

Conector	PERÍODO ARCAICO	PERÍODO CLÁSSICO	PERÍODO MODERNO	total
<i>porque</i>	501 = 39,3%	457 = 35,8%	317 = 24,9%	1.275
<i>por</i> V <sub>INF</sub>	144 = 34,1%	200 = 47,4%	78 = 18,5%	422
<i>pois</i>	86 = 30,5%	62 = 22%	134 = 47,5%	282
<i>como</i>	28 = 14,6%	115 = 59,9%	49 = 25,5%	192
<i>ca</i>	187 = 100%	-----	-----	187
<i>que</i>	30 = 52,6%	21 = 36,9%	6 = 10,5%	57
<i>já que</i>	-----	6 = 13%	40 = 87%	46
<i>porquanto</i>	31 = 73,8%	8 = 19,1%	3 = 7,1%	42
<i>pois que</i>	20 = 50%	6 = 15%	14 = 35%	40
<i>visto que</i>	-----	1 = 9,1%	10 = 90,9%	11
<i>uma vez que</i>	-----	1 = 9,1%	10 = 90,9%	11
<i>segundo</i>	7 = 77,8%	2 = 22,2%	-----	9
<i>visto como</i>	4 = 80%	-----	1 = 20%	5
<i>pero que</i>	3 = 100%	-----	-----	3
<i>por razão que</i>	2 = 100%	-----	-----	2
<i>como quer que</i>	1 = 100%	-----	-----	1
<i>pero</i>	1 = 100%	-----	-----	1
<i>posto que</i>	-----	1 = 100%	-----	1
Total	1.045	880	662	2.587

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira (2020, p. 70, 79 e 82).

A produtividade do esquema [[[[CONNECTOR ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] é significativa em todos os períodos, embora mais expressiva nos períodos arcaico (15 construções distintas) e clássico (13 construções distintas). Essa produtividade pode ser explicada, pelo menos em parte, pela formação bastante regular de *chunks* com a partícula *que*, como já mostraram estudos mais específicos sobre *pois/pois que* (PAIVA; BRAGA, 2013a, 2013b), *já que* e *uma vez que* (SANTOS, 2019), que podem ser interpretados como casos de construcionalização, sancionados pelo esquema mais abstrato [X QUE]<sub>CONNECTP</sub> como defendido por Cezario, Silva e Santos (2015), Santos e Cezario (2017) e Santos (2019).

Além da diversidade de formas sancionadas na posição *CONNECTOR*, observa-se diferença acentuada na frequência de uso das diferentes construções. Em todos os períodos, sobressai a recorrência de *porque*, que responde por, aproximadamente, metade dos dados de cada um dos períodos. Observa-se, ainda, que a distribuição dos demais conectores é mais irregular ao longo do tempo: no período arcaico, *ca* se destaca como o conector de segunda maior frequência; no período clássico, sobressai a elevada frequência de *por*  $V_{INF}$  e, no período moderno, a recorrência de *pois*. Digno de nota também é o aumento de *como* no período clássico em oposição à redução progressiva de *que* e *porquanto*, com raras instâncias no período moderno/contemporâneo.

Do ponto de vista dos nós da rede de construções causais, o período clássico é o que exhibe alterações mais significativas: (a) por um lado, o total desaparecimento de *ca* e de outras formas que fizeram breve incursão no domínio da causalidade; (b) por outro, a emergência de *já que*, *visto que*, *posto que* e *uma vez que*.

Para compreender a relação entre as diferentes construções causais ao longo do tempo, é necessário considerar, porém, o tipo de relação causal que cada uma delas instancia. Como se pode verificar na tabela 2, já no período arcaico, com exceção de *como*, *pois* e *pois que* e dos conectores de ocorrência muito rara (*segundo*, *visto como*, *pero que*, *pero*, *como quer que*), todos os conectores ocorrem em construções causais dos três domínios.

Tabela 2 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período arcaico

Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
<i>porque</i>	261 = 52%	185 = 37%	55 = 11%	501
<i>ca</i>	21 = 11,2%	102 = 54,6%	64 = 34,2%	187
<i>por V<sub>INF</sub></i>	124 = 86,1%	16 = 11,1%	4 = 2,8%	144
<i>pois</i>	-----	67 = 78%	19 = 22%	86
<i>porquanto</i>	12 = 38,7%	18 = 58,1%	1 = 3,2%	31
<i>que</i>	14 = 46,7%	12 = 40%	4 = 13,3%	30
<i>como</i>	17 = 60,7%	11 = 39,3%	-----	28
<i>pois que</i>	-----	18 = 90%	2 = 10%	20
<i>segundo</i>	2 = 28,6%	5 = 71,4%	-----	7
<i>visto como</i>	3 = 75%	1 = 25%	-----	4
<i>pero que</i>	-----	1 = 33%	2 = 67%	3
<i>por razão que</i>	1 = 50%	1 = 50%	-----	2
<i>pero</i>	-----	1 = 100%	-----	1
<i>como quer que</i>	1 = 100%	-----	-----	1

Fonte: Oliveira (2020, p. 84).

Há indicações, no entanto, de certa complementaridade entre as construções causais. Assim, *por V<sub>INF</sub>*, *como* e *porque* são mais frequentes no domínio do conteúdo, enquanto *pois que*, *pois*, *segundo* e *porquanto* são mais frequentes no domínio epistêmico. Dois pontos a ressaltar são: a maior diversidade de formas/microconstruções causais no domínio epistêmico e o número significativamente mais reduzido no domínio interacional. Neste domínio, apenas a construção com *ca* alcança frequência mais relevante (34,2%).

Como já destacado, no período clássico do português, verificam-se mudanças importantes na rede de construções causais, com o desaparecimento em particular da construção com *ca*, um dos conectores mais frequentes no período arcaico. Como mostra a tabela 3, no período clássico, atesta-se a criação de novos nós, ligados principalmente ao domínio epistêmico.

Tabela 3 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período clássico

Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
<i>porque</i>	274 = 60%	178 = 39%	5 = 1%	457
<i>por V<sub>INF</sub></i>	184 = 92%	16 = 8%	-----	200
<i>como</i>	55 = 47,8%	60 = 52,2%	-----	115
<i>pois</i>	-----	60 = 96,8%	2 = 3,2%	62
<i>que</i>	4 = 19%	15 = 71,5%	2 = 9,5%	21
<i>porquanto</i>	4 = 50%	4 = 50%	-----	8
<i>pois que</i>	-----	6 = 100%	-----	6
<i>já que</i>	1 = 16,7%	5 = 83,3%	-----	6
<i>segundo</i>	-----	2 = 100%	-----	2
<i>visto que</i>	-----	1 = 100%	-----	1
<i>posto que</i>	-----	1 = 100%	-----	1
<i>uma vez que</i>	-----	1 = 100%	-----	1

Fonte: Oliveira (2020, p. 87).

Observa-se, na tabela 3, um significativo aumento no número de construções conectivas causais ligadas ao domínio epistêmico, com a inclusão de *já que*, *posto que* e *uma vez que*. As construções com *porque* e *por V<sub>INF</sub>* mantêm sua distribuição, com uso predominante no domínio do conteúdo. Constata-se, ainda, redução mais acentuada no domínio interacional, que fica restrito a *porque*, *pois* e *que*.

A distribuição atestada para o período moderno confirma a maior associação de muitas das construções causais com o domínio epistêmico (*já que*, *pois que*, *pois*, *visto que*, *uma vez que*), como se pode observar na tabela 4.



Tabela 4 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período moderno

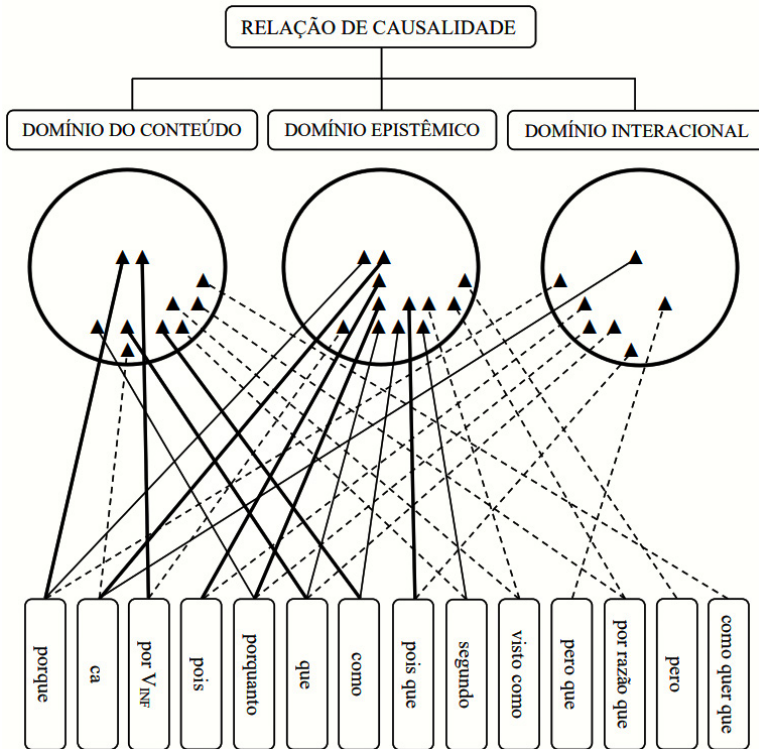
Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
<i>porque</i>	103 = 32,5%	208 = 65,6%	6 = 1,9%	317
<i>pois</i>	12 = 9%	114 = 85%	8 = 6%	134
<i>por V<sub>INF</sub></i>	73 = 93,6%	5 = 6,4%	-----	78
<i>como</i>	22 = 44,9%	26 = 53,1%	1 = 2%	49
<i>já que</i>	6 = 15%	31 = 77,5%	3 = 7,5%	40
<i>pois que</i>	1 = 7,1%	13 = 92,9%	-----	14
<i>visto que</i>	3 = 30%	7 = 70%	-----	10
<i>uma vez que</i>	2 = 20%	8 = 80%	-----	10
<i>que</i>	-----	2 = 33,3%	4 = 66,7%	6
<i>porquanto</i>	-----	3 = 100%	-----	3
<i>visto como</i>	-----	1 = 100%	-----	1

Fonte: Oliveira (2020, p. 88-89).

As construções causais que predominam no domínio epistêmico alcançam valores significativamente expressivos como é o caso de *pois que* (92,9%) e *uma vez que* (80%). Outras evidências de preferência pelo domínio epistêmico são indicadas pela distribuição de outras construções causais: o uso de *porquanto* se restringe ao domínio epistêmico e as construções com *porque* (65,6%) e *como* (53,1%) aumentam sua frequência de uso nesse domínio. Outro aspecto que merece destaque é a persistência da construção com *por V<sub>INF</sub>* no domínio do conteúdo (93,6%) e da construção com *que* no domínio interacional (66,7%).

A diferenciada correlação entre as construções causais de acordo com o domínio da causalidade é esquematizada nas figuras 1, 2 e 3, que permitem visualizar, de forma mais clara, a maior ou menor centralidade de cada construção em um dado domínio. Nessas figuras, os domínios da causalidade são representados pelos círculos. A posição dos triângulos nos círculos indica a maior ou menor centralidade da construção, com base na sua frequência de uso. Os diferentes tipos de linha indicam os *elos* entre as construções e os domínios: linhas contínuas grossas representam os *elos* mais fortes; linhas contínuas finas representam *elos* menos fortes; linhas tracejadas representam os *elos* mais fracos. Consideremos, inicialmente, a rede do período arcaico, mostrada na figura 1.

Figura 1 – Rede das construções causais por domínio no período arcaico do português

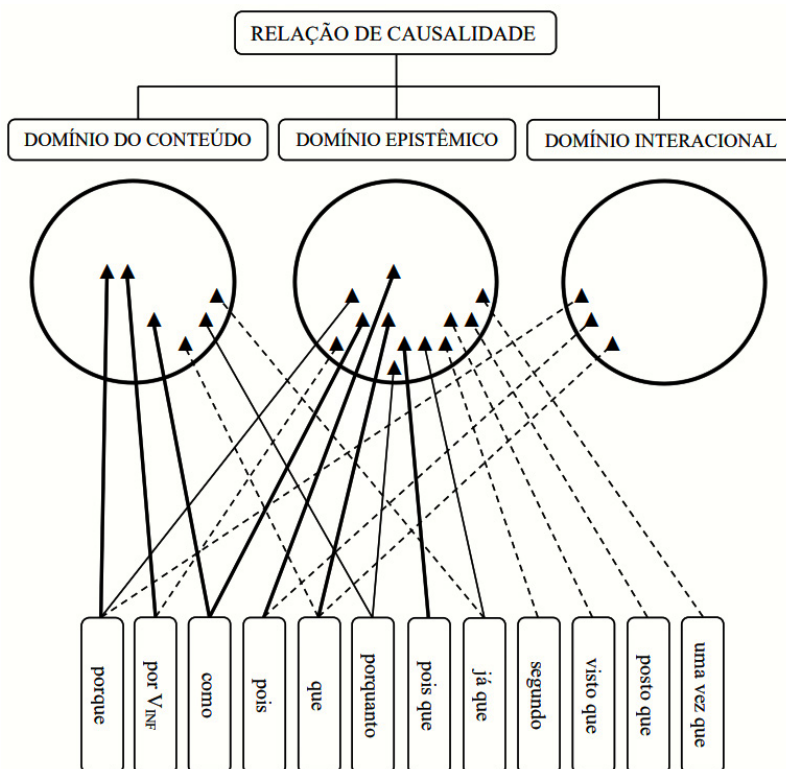


Fonte: Oliveira (2020, p. 178).

De acordo com a figura 1, as construções com *porque* e com *por V<sub>INF</sub>* constituem os membros centrais no domínio do conteúdo. No entanto, enquanto *porque* já apresenta uma conexão relativamente forte com o domínio epistêmico, a construção com *ca* se destaca como membro central nesse domínio e mais periférico no domínio interacional, isto é, dos atos de fala diretivos. As construções com *que* e *como* apresentam *ligação* mais forte com o domínio do conteúdo, enquanto as construções com *pois*, *porquanto*, *pois que* e *segundo* aparecem mais fortemente associadas ao domínio epistêmico.

No período clássico, essas relações são, pelo menos parcialmente, reconfiguradas, como mostra a figura 2.

Figura 2 – Rede das construções causais por domínio no período clássico do português

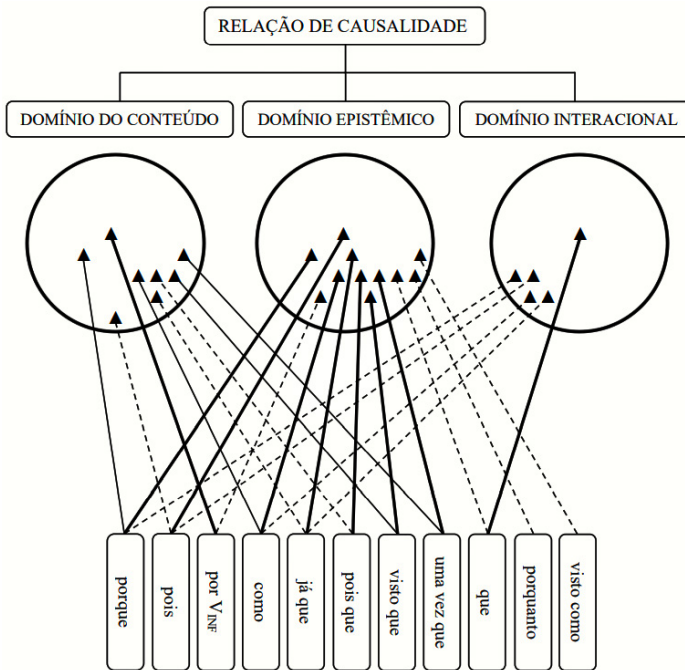


Fonte: Oliveira (2020, p. 180).

Em razão, mais provavelmente, do desaparecimento de *ca*, a construção com *pois* assume a posição central no domínio epistêmico. No domínio do conteúdo, *porque* e *por V<sub>INF</sub>* se emparelham, embora haja indicações de que o a ligação de *porque* com o domínio epistêmico passa a ser fortalecido nesse período. O fortalecimento da conexão com o domínio epistêmico fica claro também para as construções com *que* e *como*. As construções emergentes nesse período (*já que*, *posto que*, *visto que* e *uma vez que*) se ligam apenas, e ainda de forma fraca, ao domínio epistêmico.

Algumas das mudanças observadas no período clássico se consolidam no período moderno, como mostra a figura 3.

Figura 3 – Rede das construções causais por domínio no período moderno do português



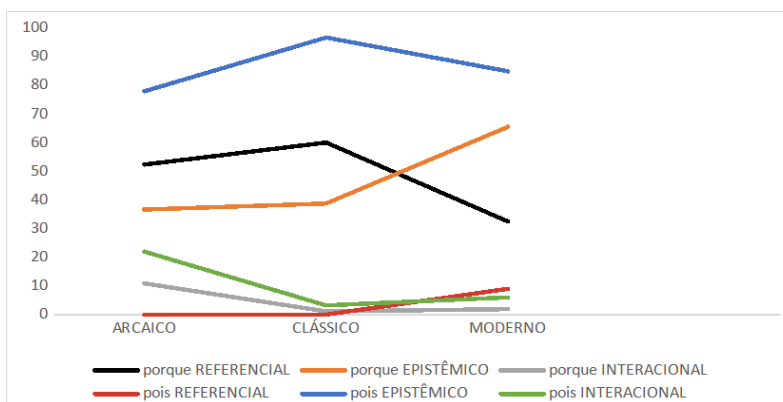
Fonte: Oliveira (2020, p. 181).

No período moderno, a grande maioria das construções causais fortalece seus *links* com o domínio epistêmico (*pois* e *pois que* *porque*, *como*, *já que*, *visto que* e *uma vez que*). Embora *pois* se destaque como o membro de maior centralidade, a construção causal com *já que*, mais recente, e a construção com *como* passam a ocupar um espaço relevante nesse domínio. Instaura-se, portanto, no domínio epistêmico, maior possibilidade de variação entre diferentes construções causais. Uma outra mudança importante no período moderno é a consolidação da construção com *que* no domínio dos atos de fala diretivos. Embora várias outras construções possuam *elos*, embora fracos, com esse domínio (*porque*, *pois*, *como*, *já que*), ao que tudo indica, a construção com *que* se especializa na introdução de justificativas para atos de fala. Outro aspecto que merece destaque é o uso das construções com *pois* e *pois que* para

relações causais no domínio do conteúdo, uma trajetória já discutida por Paiva e Braga (2013a, 2013b).

Embora não seja o objetivo central deste artigo, é importante considerar que, como indicam as figuras 1, 2 e 3, cada uma das construções em análise apresenta uma trajetória própria, que requer estudo aprofundado. Apenas a título de exemplificação, podemos comparar a trajetória de duas das construções de maior frequência ao longo de todos os períodos: as construções com *pois* e *porque*.

Gráfico 1 – Trajetória das construções com *pois* e *porque*



Fonte: Oliveira (2020, p. 91).

Segundo o gráfico 1, as construções com *porque* e *pois* percorrem trajetórias inversas. A primeira reduz de forma significativa seus usos no domínio referencial e se estende para o domínio epistêmico, como ilustrado em (7):

- (7) Não adianta as autoridades declararem que a violência está sob controle ou até mesmo diminuindo, **porque** as imagens de TV não deixam dúvidas. (Século XXI – Carta de leitor, jornal *O Globo*, 10/03/2004, PEUL)

A construção com *pois*, por sua vez, predominantemente utilizada no domínio epistêmico, passa a incursionar pelo domínio referencial (ou da causa efetiva), caso do exemplo (8):

(8) *O Escorbuto* – De todas as calamidades físicas que se abatiam sobre os marujos dos séculos XVI e XVII, nenhuma era mais devastadora e repulsiva do que o escorbuto. Doença provocada pela carência de vitamina C, o escorbuto provoca hemorragias e causa o rompimento das paredes de vasos sanguíneos. Os primeiros marinheiros ocidentais afetados por essa terrível enfermidade foram os homens da esquadra de Vasco da Gama, em 1497. A doença em geral se manifestava após 70 dias em alto-mar. De início, era chamada de “mal de Luanda”, **pois** atacava os marujos quando seus navios se encontravam ao largo da costa de Angola. (Século XX – *A Viagem do Descobrimento*, p. 41)

A extensão da construção com *porque* para o domínio epistêmico pode ser explicada com base numa hipótese de que usos [- subjetivos] precedem usos [+ subjetivo] e/ou [+ intersubjetivos], de acordo com a proposta de Traugott (2003, 2010). Nos termos de Paiva e Braga (2013a, p. 6):

Nos seus estágios iniciais como conector, um elemento seria convocado para a expressão de relações entre estados de coisas (enunciado) e se estenderia, gradualmente, para sinalizar relações no mundo das crenças e atitudes (enunciação) e, numa última etapa, se estenderia para usos intersubjetivos, ou seja, como forma de regulação das relações entre os interlocutores.

A trajetória da construção com *pois*, por outro lado, contraria essa hipótese, na medida em que ela se estende para usos no domínio do conteúdo, como destacado por Paiva e Braga (2013a, 2013b).

## 5 Considerações finais

A análise apresentada fornece evidências para a necessidade de considerar, como propõe Hilpert (2018), que as alterações de conectividade entre construções são tão importantes quanto a emergência e o desaparecimento de construções. Como pudemos constatar, as mudanças na rede de construções causais do português envolveram não apenas o desaparecimento e o surgimento de novas construções, mas também um rearranjo das relações entre elas ao longo do tempo. Assim, se o desaparecimento de *ca* no final do período arcaico parece ter sido, em grande parte, compensado pela expansão de *pois*, ele pode estar associado igualmente a um reforço de *porque* e *como* no domínio epistêmico já no período clássico e, principalmente, no período moderno/contemporâneo.

Um outro ponto a destacar diz respeito à polissemia da grande maioria das construções causais em todos os períodos. Em outros termos, quase todas elas podem expressar todos os tipos de relação causal, embora com diferente frequência. É essa polissemia que permite que, pelo menos numa parte dos contextos, construções com *porque*, o conector causal prototípico possa alternar seja com *por + infinitivo*, no domínio referencial, ou com *pois*, no domínio epistêmico. No entanto, os resultados obtidos apontam evidências de que, ao longo do tempo, cada uma das construções causais seguiu sua própria trajetória, mantendo-se estáveis ou sofrendo mudanças em direções distintas. Enquanto algumas expandiram seus contextos de uso, outras se tornaram mais especializadas. Assim, pudemos constatar que a construção causal com *por* V<sub>INF</sub> se mantém fortemente associada ao domínio do conteúdo ao longo de toda a história do português. Por outro lado, outras construções apresentaram mudanças no sentido de reforçarem seu elo com o domínio epistêmico, codificando causa mais subjetiva, como é o caso das construções com *porque* e *como*. A construção com *que*, por sua vez, empreende uma trajetória de intersubjetivização, especializando-se, no período moderno/contemporâneo, na codificação de relação causal no domínio interacional.

Além disso, foi possível constatar que o período clássico assiste a uma acentuada diversificação de construções conectivas causais no domínio epistêmico. Essa diversidade amplia a possibilidade de variação entre diferentes construções causais, se considerarmos que todas elas ocupam um lugar central nesse domínio. Podemos pressupor, inclusive, que uma consequência dessa ampliação é a obsolescência da construção com *porquanto* no português contemporâneo, que cede seu espaço para construções mais recentes. Evidentemente, estudos mais detalhados de cada uma dessas construções são necessários para identificar em que medida elas podem ser consideradas funcionalmente equivalentes.

### **Declaração de autoria**

Declaramos que houve estreita colaboração dos dois autores na produção do artigo. O primeiro autor, Bruno Araújo de Oliveira, contribuiu com a cuidadosa seleção da amostra que forneceu os dados para esse estudo e com o levantamento e análise dos dados. O segundo autor contribuiu na revisão da análise dos dados e interpretação dos resultados, assim como na especificação do quadro teórico em que se enquadra o estudo. Os dois autores contribuíram na redação do artigo.

## Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas anônimos que, com suas observações, contribuíram para esclarecer alguns pontos deste artigo. Quaisquer erros ou equívocos restantes são de nossa inteira responsabilidade.

## Referências

AMORIM, F. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2016.

BARÐDAL, J; G. S.; GILDEA, S. Diachronic Construction Grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications. *In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 1-50.

BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana: destinada al uso de los americanos*. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.). *Constructions and language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M. M; ALONSO, K, S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Soletas*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 133-154, 2019. DOI: DOI: <https://doi.org/10.12957/soletas.2019.38444>

CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S; SANTOS, M. P. K. Formação da construção [XQUE]<sub>CONEC</sub> no português. *Revista e-escrita*, Nova Iguaçu, v. 6, p. 229-243, 2015.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. *In: DĄBROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). Cognitive Linguistics – A survey of linguistic subfields*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2019. p. 50-80.



DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. A. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 103-120.

FAGARD, B. Grammaticalisation et renouvellement: conjonctions de cause dans les langues romanes. *Revue roumaine de linguistique*, București, v. 54, p. 21-43, 2009.

FLACH, S. Constructionalization and the Sorites Paradox: the emergence of the into-causative. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 45-67.

FRIED, M. Construction Grammar as a tool for diachronic analysis. *Constructions and Frames*, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. 262-291, 2009. DOI: 10.1075/cf.1.2.04fri.

FRIED, M. Principles of constructional change. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford/New York: Oxford University Press. 2013. p. 419-437

GALÁN RODRÍGUEZ, C. La subordinación causal y final. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3. Madrid: Espasa Calpe S.A, 1999., p. 3597-3642.

HEINE, B; NARROG, H.; LONG, H. Constructional change vs. grammaticalization. From compounding to derivation. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 40, n. 1, p. 137-175, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1075/sl.40.1.05hei>.

HILPERT, M. *Constructional changes in English: Developments in allomorphy, word formation, and syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. Three open questions in Diachronic Construction Grammar. In: COUSSE, E.; ANDERSSON, P.; OLOFSSON, J. (eds.). *Grammaticalization meets construction grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39.

KRUPPENBACHER, K. *Changes on constructions and constructionalization – a contemporary approach towards language change*. No prelo. Disponível em [https://www.academia.edu/36648642/Changes\\_on\\_Constructions\\_and\\_Constructionalization\\_a\\_contemporary\\_approach\\_towards\\_language\\_change](https://www.academia.edu/36648642/Changes_on_Constructions_and_Constructionalization_a_contemporary_approach_towards_language_change). Acessado em 27 de janeiro 2020.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume I: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, Ch. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 1-18.

LOPES, A. C. M. Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no Português Europeu contemporâneo. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 451- 468, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5534>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LOPES, M. H. C. C. *Aspectos sintácticos, semânticos e pragmáticos das construções causais*: contributo para uma reflexão sobre o ensino de gramática. 2004. 402 f. Tese. (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2004.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, London, v. 9, n. 1, p. 57-90, 1986. DOI: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01638538609544632>

MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

MENGDEN, F. V.; COUSSÉ, E. Introduction: the role of change in usage-based conceptions of language. In: COUSSÉ, E.; MENGDEN, F. V. (eds.). *Usage-based approaches to language change*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 1-19.

NEVES, M, H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 461-496.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NOËL, D. For a radically usage-based diachronic construction grammar. *Belgian Journal of Linguistics*, Amsterdam, v. 30, n. 1, p. 39-53, 2016. DOI: 10.1075/bjl.30.03noe.

OLIVEIRA, B. A. *A evolução da rede de construções causais no português*. 2020. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

- PAIVA, M. C. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 63-74.
- PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Gramaticalização e especialização funcional: o caso do conector *pois*. *Diacrítica*, Braga, v. 27, n. 1, p. 195-216, 2013a.
- PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Evolução de *pois* e *pois que* no português: uma trajetória de subjetivização? In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/ FAPERJ, 2013b. p. 97-112.
- SANDERS, T.; SPOOREN, W.; NOORDMAN, L. Toward a taxonomy of coherence relations. *Discourse Processes*, London, v. 15, n. 1, p. 1-35, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1080/01638539209544800>.
- SANTOS, M. P. K. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional*. 2019. 158 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- SANTOS, M. P. K.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE]<sub>CONNECT</sub> no Português. In: NEGRO ROMERO, M.; ALVAREZ, R.; MOSCOSO MATO, E. (orgs.). *Gallæcia*. Estudos de lingüística portuguesa e galega. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2017. p. 959-974.
- SMIRNOVA, E. Constructionalization and constructional change: the role of context in the development of constructions. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 81-106.
- SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. Introduction: the nature of the node and the network. – Open questions in Diachronic Construction Grammar. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1-42.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. do. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. especial, p. 139-151, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5444>.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. (ed.). *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Grammaticalization, constructions and grammaticalization of constructions. In: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (eds.). *Grammaticalization and language change: new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 165-196.

VAN DIJK, T A. *Texto y contexto: Semántica y pragmática del discurso*. Introducción de Antonio García Berrio; Traducción de Juan Domingo Moyano. Madrid: Cátedra, 1980.